

NAS BANCAS



Pesquisa caracteriza poeira nociva gerada em fabricação de cerâmica

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

Pesquisa realizada na Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC) caracterizou a poeira gerada no processo de fabricação de materiais cerâmicos para revestimento. Segundo a autora da pesquisa, Maria Margarida T. Moreira Lima, seu objetivo foi quantificar as substâncias presentes na poeira que provocam a silicose, uma doença incapacitante que pode levar à morte. O trabalho pode servir de base para adoção de medidas de prevenção da silicose no setor, sejam elas de ordem administrativa ou de engenharia de processos, além de recomendações de proteção respiratória.

Maria Margarida explica que as informações sobre as características da poeira gerada nos processos de fabricação de revestimentos cerâmicos eram, antes da realização da pesquisa, insuficientes para definir a magnitude do risco da exposição ocupacional à sílica. Essa substância aparece nas mais variadas formas, sendo o quartzo a sua forma cristalina mais comum na natureza e, por isso, estando presente em quase todos os processos nos quais se utilizam matérias-primas de origem mineral. O Brasil possui legislação que estabelece os limites de exposição dos trabalhadores ao quartzo dependendo da sua porcentagem na poeira em suspensão nos ambientes de trabalho. “Há também o desconhecimento sobre a prevalência da silicose no setor”, revela.

O que a pesquisa contemplou inicialmente foi o estudo de diferentes setores da indústria de revestimentos cerâmicos de pisos e paredes, determinando assim os riscos envolvidos conforme as características da poeira existente em cada setor. “Para se concluir sobre o risco de aparecimento da silicose entre os trabalhadores, será necessário dar continuidade à pesquisa levando em consideração medições do tempo de exposição à poeira de quartzo”, es-



Maria Margarida T. Moreira Lima: trabalho pode servir de base para medidas preventivas

clarece a autora da pesquisa, que teve orientação da professora Gladis Camarini.

Pelo estudo, o quartzo foi identificado em 72% das amostras de poeira respirável analisadas. A avaliação permitiu, ainda, identificar que as etapas de moagem da argila, preparação de esmaltes das empresas e o engobe (tipo de esmalte usado para tornar a cerâmica impermeável) são os setores com poeira de maior risco de silicose para os trabalhadores.

Maria Margarida explica que nesses setores foram determinadas concentrações superiores ao valor-limite de exposição ocupacional para o quartzo de 0,04 miligrama por metro cúbico, adotado como de referência para o estudo. Por isso, a necessidade de se analisar a exposição dos trabalhadores às concentrações de poeira ao longo de toda a jornada semanal de trabalho.

Fotos: Antoninho Perri/Divulgação



Bonecos usados no Jardim São Marcos: aumento do número de casos diagnosticados

Teatro de bonecos auxilia na detecção da hanseníase

A educadora física Gláucia Cristina de Castro aposta no lúdico para contribuir com o diagnóstico precoce da hanseníase no Jardim São Marcos, em Campinas. Segundo Gláucia, a apresentação de teatro de bonecos conseguiu aumentar em 50% o número de casos detectados no posto de saúde local. “A desinformação ainda é o maior obstáculo para se detectar o mal. Com o projeto, a expectativa é esclarecer aspectos da doença e, assim, estimular a procura pelo serviço de saúde”, atesta a educadora física que apresentou dissertação de mestrado na Faculdade de Educação Física (FEF), orientada pelo professor Aguinaldo Gonçalves.

A hanseníase ou lepra é uma doença contagiosa que acomete pele e nervos, produzindo manchas avermelhadas ou esbranquiçadas e falta de sensibilidade, podendo evoluir para várias incapacidades físicas. O Brasil só perde para Índia em número de casos novos. A expectativa das autoridades é diminuir a incidência para um entre dez mil habitantes, número considerado razoável. A doença tem cura, mas a prevenção de incapacidades depende muito do diagnóstico precoce.

As histórias envolvendo as personagens Ana Melo e Patrícia Shinokawa apresentadas por Gláucia, são baseadas na técnica japonesa denominada *Bunraku*, e simulam uma situação de doença. Traz à tona discussões sobre preconceito e estigma, presentes no universo dos portadores da enfermidade e, ao final, responde dúvidas das crianças sobre o assunto, por meio de um diálogo lúdico.

A apresentação foi feita para 207 crianças, atendidas pelas instituições campineiras Centro Assistencial Vedruna e Associação Beneficente

Campineira, que freqüentam essas entidades em período extra-escolar. No total, Gláucia encampou uma série de oito sessões, nas várias faixas etárias de 7 a 16 anos. Ao levar a informação à população infantil, a educadora física conta que aumentou o número da procura pelos postos de saúde da região. Conseguiram encaminhar nove pessoas.

“As crianças que tinham queixas semelhantes aos sintomas apresentados, encaminhávamos para o serviço de saúde”, esclarece. Pela análise do trabalho, no entanto, Gláucia afirma que as peças de teatro são importantes no processo, mas não podem ser trabalhadas isoladamente. “É fundamental a participação dos agentes de saúde e dos profissionais envolvidos no processo. Acredito que o serviço precise de uma sistematização do trabalho, pois há uma série de obstáculos que impedem a eficácia”, argumenta.

Para Gláucia trata-se de uma abordagem contemporânea do profissional de Educação Física, abrindo o leque de estudos como circo, dança e saúde. Ela lembra ainda que, recentemente, o educador físico foi incorporado no Programa Saúde da Família, pela portaria 154, de 24 de janeiro de 2008, do Ministério da Saúde. Além do envolvimento do teatro interativo no controle da hanseníase, a pesquisadora fez ainda uma avaliação das habilidades biomotoras, entre as quais, a força, a flexibilidade e a coordenação motora empregada na atividade com os bonecos. Segundo a pesquisadora, os bonecos tradicionais chegam a pesar até 20 quilos. No caso do Jardim São Marcos, os bonecos mediam 1,20 metro e pesavam cerca 1,5 quilo. Os bonecos pertencem à ONG Sorri, de Sorocaba.

Papel de rádio é tema de dissertação de mestrado

A rádio comunitária Bandeira, localizada no Jardim das Bandeiras, em Campinas, exerce um papel importante de elo entre a região central da cidade e os moradores da periferia. Além de contar com uma programação especialmente voltada para a população daquela região, existe um fluxo que contempla informações da cidade, semelhante ao observado nas rádios comerciais.

Na prática, concluiu a antropóloga Fernanda Alves Sunega, o estilo adotado e a programação eram semelhantes ao circuito comercial, embora no discurso dos diretores, a rádio mantivesse um perfil diferenciado. A região do Jardim das Bandeiras é uma das mais populosas da cidade, envolvendo os bairros próximos à Rodovia Santos

Dumont. Entre eles, os DICs, Parque Oziel e outros. No total, a rádio alcança mais de 130 bairros.

A análise foi apresentada em dissertação de mestrado, desenvolvida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e orientada pela professora Rita de Cássia Morelli. O objetivo do estudo, conta Fernanda, foi observar se a rádio cria vínculos entre os bairros, periferia e centro, hipótese defendida pelo antropólogo argentino Néstor García Canclini. “Segundo Canclini, a sociedade está submetida a uma urbanização que desurbaniza. A mídia, para este autor, apresenta um espetáculo reconfortante, no qual a população sente-se incluída nas mais diversas manifestações da cidade”, explica.

Foram realizadas entrevistas

com diretores de programação e análise de mais de 20 programas da grade da emissora. Mas, foi no programa Interior Paulista, apresentado pelo rapper Kapone e dedicado à divulgação de grupos de rap que não estão inseridos na mídia comercial, que Fernanda centrou o seu trabalho. Durante três meses, ela acompanhou semanalmente o programa para entender o universo tanto da população de ouvintes como da concepção de programação.

Segundo Fernanda, a interação entre ouvinte e locutor ocorria de maneira intensa, assim como entre ouvintes e grupos que compareciam à emissora para entrevistas ao vivo. A antropóloga observou que os grupos encaravam a divulgação do trabalho na rádio comunitária como primeiro passo para a pro-

fissionalização. “Na verdade, eles queriam estar nas rádios comerciais, mas o espaço oferecido nas emissoras comunitárias para divulgação era recebido com muito entusiasmo, pois atingia o público-alvo”, esclarece.

As rádios comunitárias tiveram maior crescimento no início dos anos 1980 com a concepção de espaço livre, desvinculado de um viés comercial. Neste contexto, moradores do Jardim das Bandeiras, que já mantinham um histórico de grande envolvimento popular, criaram a rádio comunitária Bandeira. A emissora sobrevive de doações e anúncios de pequenos estabelecimentos comerciais dos bairros próximos. Não se mensurava a audiência, mas sabia-se que em bairros, como o Parque Oziel, famílias co-



A antropóloga Fernanda Alves Sunega: rádio cria vínculos entre região central e periferia

locavam caixas de som nas calçadas para ouvir a programação.